

E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP
N.º 9, maio de 2021

O PENSAMENTO DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL NA OBRA O LIVRO DA SAÚDE DAS MULHERES NEGRAS: NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

Izabel da Cruz Santos¹

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Neste artigo apresento a cartografia do pensamento das mulheres negras no Brasil através da literatura, especificamente de uma obra, *O Livro da Saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, organizada por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White, composta por uma coletânea de textos de ativistas negras do Brasil e dos EUA, revelando uma concepção política diaspórica em torno de um projeto de justiça social para as mulheres negras. Os textos são percebidos como fontes, pois trazem reflexões de mulheres negras acerca de suas vivências, permitindo investigar a trajetória de consolidação do movimento de mulheres negras e de suas perspectivas políticas. Além dos textos, lanço mão de uma entrevista realizada com uma das organizadoras do livro com o intuito de entender o contexto de produção da obra. Como objetivo, busco, inicialmente, identificar nos artigos como o sexismo e o racismo são descritos como marcadores sociais de exclusão pelas mulheres negras, que deixaram marcas em suas vidas, porém as motivaram a questionar a posição social de subalternidade que lhes foi imposta pela intersecção de gênero, raça e sexualidade. Procuo, ainda, mostrar as ações desenvolvidas pelas ativistas, visando à transformação social, a partir de suas experiências de vida nas diversas áreas que escolheram para refletir sobre racismo e sexismo, como: literatura, saúde, política, religiosidade e ativismo.

Palavras-chave: Diáspora negra. Pensamento de mulheres negras. Mulheres negras.

¹ Discente do curso de Licenciatura em História, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção parcial do título de Graduada sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Pons Cardoso.

Abstract: This article presents the mapping of the thought of black women in Brazil through literature, specifically from a work, *The book of the black women's health: our footsteps from afar*, organized by Jurema Werneck, Maisa Mendonça and Evelyn C. White. The work consists of a collection of texts by black activists in Brazil and the U.S., revealing a diasporic political conception around a project of social justice for black women. The texts are perceived as sources, as they bring thoughts of black women about their experiences, allowing to investigate the consolidation path of movement of black women and their political perspectives. In addition to the texts, I draw an interview with one of the organizers of the book in order to understand the context of production of the work. How do I search goal, initially identified in articles as sexism and racism are described as social markers of exclusion by black women, who left their mark in their lives, however, led to question the social position of inferiority that was imposed on them by the intersection of gender, race and sexuality. Seeking further show the actions undertaken by activists seeking social transformation, from their life experiences in different areas who chose to reflect on racism and sexism, such as literature, health, politics, religion and activism.

Keywords: Black Diaspora. Thought of black women. Black women.

INTRODUÇÃO

Apresento, neste artigo, a cartografia do pensamento das mulheres negras no Brasil. A escolha metodológica surgiu da concepção de manter um diálogo entre a história e a literatura, pois o campo dos estudos históricos apresenta, hoje, um amplo leque de objetos de pesquisa e de opções teóricas postos à disposição das(os) profissionais. (VIEIRA, 2009). Apesar da sobrevivência de cânones na História, como a indispensabilidade da documentação e a busca pelo real, com a ampliação dos objetos de pesquisas proporcionada pelo surgimento da escola dos *Annales*, em 1920, podemos dizer que, a partir deste momento, abre-se o campo para a valorização de outras formas de escrever a história e para a possibilidade de que esta, enquanto disciplina, possa estabelecer diálogo com a interdisciplinaridade (VIEIRA, 2009).

No diálogo metodológico entre História e Literatura insiro minha pesquisa, pois analiso o pensamento das mulheres negras no Brasil através da literatura, especificamente da obra, *O*

livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, organizada por Jurema Werneck, Máisa Mendonça e Evelyn C. White (2006).

A história e a literatura mantêm uma relação de identidade e representação de uma coletividade e é a partir desta concepção que entendo a obra, pois é através da literatura que as mulheres negras expõem seus pensamentos. A literatura é mais um canal de possibilidade no qual a história pode se interligar e construir o discurso histórico. O discurso literário aliado ao discurso histórico proporciona a representação de uma realidade. A História utiliza a linguagem literária para a consolidação do discurso sobre o real, tentando expressar as transformações significativas para a sociedade. Neste sentido, como afirma Valter Soares:

a literatura pode ser tomada como fonte para interpretação histórica, como documento a ser lido e desconstruído, à semelhança de um processo crime ou de um inventário. Por outro, numa postura mais ousada do ponto de vista epistemológico, tem sido tomada com representação e dizer instituidor da realidade, da História, marcando algumas diferenças, mas, sobretudo, aproximando os discursos. (SOARES, 2003, p. 2).

Discurso literário e discurso histórico formam uma leitura possível da realidade, pois instauram o imaginário que, segundo Sandra Pesavento (2006), é o sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade tendo-a como referência e que está relacionado às práticas sociais que envolvem a sociedade e regem as relações humanas, discursos que buscam, de alguma maneira, dar sentido às experiências humanas. Por fim, a literatura é como um caminho que a história pode trilhar para elaborar pesquisas significativas que contribuam para o desenvolvimento da sociedade, compreendendo a literatura como registro da vida, ou seja: a literatura é a impressão da vida. É através deste campo de estudo que estabeleço o entendimento do livro em análise e investigo a literatura produzida por mulheres negras como fonte histórica para a interpretação do contexto e da realidade que as envolvem.

A literatura sempre esteve ligada à trajetória de mulheres, principalmente das classes dominantes, entrosadas com a escrita, sempre foi o instrumento utilizado pelas mulheres para comunicar a indignação com as injustiças sociais. Para as mulheres negras, apesar das dificuldades, não tem sido diferente, pois, mesmo com acesso restrito às agências de publicação, muitas são as formas de burlar as barreiras editoriais, seja através da publicação coletiva e autônoma, produzida por organizações de mulheres negras ou, até mesmo, por ações

individuais². Através da literatura, as mulheres negras vêm tecendo seu próprio pensamento e se autodefinindo.

Pensar a construção da história através do pensamento das mulheres negras também desconstrói o tradicionalismo da perspectiva androcêntrica de produção de conhecimento. A história das mulheres surge com o propósito de desmistificar a história androcêntrica como universal. Segundo Raquel Soihet (1997), com a pluralização dos objetos de investigação histórica as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história.

Tenho como objetivo identificar os elementos constitutivos do pensamento das mulheres negras no Brasil através da obra *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, assim como, também, entender o contexto político para a organização do livro; identificar as perspectivas de mulheres negras sobre feminismos e movimento de mulheres negras; e analisar as estratégias de enfrentamento contra o racismo e sexismo e as desigualdades de classe.

Estabeleço, ainda, diálogo com a história oral, pois entrevistei uma das organizadoras do livro, visando entender o seu contexto de produção. Segundo Silvana Bispo Santos (2011), a história oral se traduz em ferramenta metodológica inovadora, principalmente em estudos sobre os subalternos, na medida em que oferece a possibilidade da escrita de uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir dos segmentos excluídos pela história oficial. A história oral prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, em uma perspectiva decididamente da “micro-história”. (FERREIRA; AMADO, 2001).

É através do olhar da história oral e da micro-história que proponho entender a obra, uma coletânea de textos sobre trajetórias das mulheres negras, trajetórias silenciadas pela historiografia tradicional e pela própria produção de conhecimento feminista, pois mulheres negras e homens negros diante da condição criada pelo racismo são percebidas(os) como incapazes de produzirem conhecimento. Dito de outra forma, as mulheres negras têm seu *status* do ser negado pelo racismo, pela discriminação racial e pelo sexismo, resultando em sua exclusão como “sujeito social” e na negação de suas habilidades intelectuais. (CARDOSO, 2012, p. 67).

² Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre e filha de escravos, se tornou escritora por ser apaixonada pela leitura. Em agosto de 1960, publicou o livro *Quarto de despejo* e, posteriormente, vieram outros. Carolina é um referencial importante para os estudos culturais e literários, tanto no Brasil como no exterior e representa a nossa literatura periférica/marginal e afro-brasileira. É um exemplo de resistência, inteligência e capacidade, que fica para sempre na história das mulheres negras. Disponível em: <<http://livrespensadores.net/artigos/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-o-brasil-esqueceu/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

Mesmo com a abrangência de dimensões e possibilidades pelas novas correntes historiográficas de temas, recortes, temporalidades, fontes e até da crítica feminista à ciência androcêntrica, as mulheres marcadas pela experiência do racismo ainda permanecem sub-representadas na história do Brasil. (SANTOS, 2011, p. 61).

Assim, ensinar História da África e aspectos culturais afro-brasileiros nas escolas parece um bom caminho para nos livrarmos de preconceitos historicamente construídos e que contribuem para impedir que a população negra tenha igualdade. (SOUZA, 2009, p. 96). Como afirma Silvana Bispo Santos (2011), precisamos pensar sobre este campo discursivo como um estudo dinâmico na política de produção de conhecimento, em que as variáveis de identidades sejam devidamente observadas, compreendidas e interpretadas, para que as mulheres negras não permaneçam como sombras tênues na historiografia brasileira.

A obra em análise contribui para o processo de visibilidade histórica das mulheres negras em nossa sociedade. Deste modo, interpreto este trabalho como parte do processo de resgate histórico-cultural das mulheres negras no Brasil, contribuindo para o preenchimento das lacunas a respeito da sua história e de suas trajetórias na contemporaneidade.

INTERPRETANDO O LIVRO DA SAÚDE DAS MULHERES NEGRAS: NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

O livro é uma coletânea de textos de ativistas negras do Brasil e dos EUA e apresenta uma concepção diaspórica em torno de um projeto de justiça social para as mulheres negras. Este projeto, como afirma a autora, Cláudia Cardoso (2012), constitui o pensamento de mulheres negras, que está centrado na recuperação da sua história, na reinterpretação desta história a partir de uma nova estrutura teórica construída em oposição aos paradigmas tradicionais, revelando a contribuição das mulheres negras nas diversas áreas do conhecimento, e por fim, no enfrentamento político ao racismo, ao sexismo e ao heterossexismo através de uma perspectiva interseccional. A obra está subdividida em três partes: *Parte I Falando de nós; Parte II Dores dessa vida; Parte III Volta por cima*. A divisão remete aos seguintes significados:

Falando de nós aponta para a autonomia do discurso emitido pela própria mulher negra, que assume a autoria de sua fala, rejeitando o lugar que lhe foi prescrito como objeto de estudo, o de sujeito infantilizado, porque vítima submissa. É o momento da autodefinição,

demonstrando que nós mulheres negras participamos da construção da história da sociedade e formulamos pensamentos. Esta autodefinição tem potencialidade revolucionária, pois contribui para o empoderamento, na medida em que cria condições para o entendimento das estruturas de opressão/dominação, garantindo a sobrevivência coletiva. Ela contribui para o fortalecimento individual e coletivo, na medida em que o grupo fala para si e elabora a sua própria agenda a partir de suas necessidades. (CARDOSO, 2012).

“Falando de nós” recupera, também, a diversidade existente entre as mulheres negras. Segundo Jurema Werneck³, o livro era a oportunidade de trazer a mulher negra como protagonista da história de sua trajetória. Assim, a primeira parte do livro resgata a trajetória das mulheres negras refletindo sobre a trajetória das(os) antepassadas(os).

A segunda parte, “Dores dessa vida”, mostra a trajetória de vida das mulheres negras e como gênero, raça e classe enquanto marcadores sociais se interseccionam e manifestam em suas vidas, criando situações de exclusão e vulnerabilidades. Pode-se dizer que, embora, individualmente, as mulheres tenham trajetórias singulares, coletivamente são confrontadas pela intersecção dos marcadores e seus processos de opressão, resultando no desenho de trajetórias semelhantes para mulheres pertencentes a grupos racialmente inferiorizados.

Por último, em “Volta por cima” são evidenciados os enfrentamentos das desigualdades produzidas por gênero, raça e classe levados a termo pelas mulheres negras e as maneiras que desenvolveram para superar os empecilhos interpostos pelo sexismo, racismo e pela divisão de classes, para terem direito a uma vida digna. Para as mulheres negras, o racismo é visto como uma estrutura de dominação e exclusão que marca profundamente suas vidas e, desta forma, a experiência com a intersecção das opressões racial e de gênero será a base para a produção do conhecimento. (CARDOSO, 2012, p. 72).

O livro surge como afirmação de um momento político em que o Brasil estava estruturando suas políticas de saúde para a população negra. Segundo Jurema Werneck, há uma versão norte-americana, publicada em 1990, com organização de Evelyn White⁴, a partir da qual a autora viu a possibilidade de organizar uma obra semelhante no Brasil, inserindo as histórias das mulheres negras brasileiras. Era a oportunidade de trazer a mulher negra como sujeito da história, mostrando como diferentes mulheres viveram/vivem a discriminação de gênero, raça/etnia, classe e sexualidade.

³ Entrevista realizada no dia 5 de julho de 2013, às 15:30 pelo Skype, com duração de 18 min.

⁴ WHITE, Evelyn C. (org.). *The Black Women's Health Book: speaking for ourselves*. Washington: Seal Press, 1990.

A estrutura do livro, salienta Werneck em entrevista, já estava estabelecida desde sua publicação nos EUA. Assim, a espinha dorsal do livro foi mantida, como estratégia para a visibilidade da mulher negra, brasileira e norte-americana, contribuindo para mostrar, através de suas trajetórias, que as mulheres negras fazem parte da história e, a partir da experiência de cada mulher negra, tornar visível a luta por justiça social e contra o racismo e sexismo. É, portanto, a partir destas experiências que se constrói a obra *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*.

Tracei como estratégia de análise metodológica a classificação das autoras em categorias, como literatura, saúde, política, religiosidade e ativismo. Ao examinar os artigos e cotejar com a trajetória pessoal de muitas das autoras, percebi que o ativismo está ligado ao desenvolvimento das atividades profissionais, isto é, através de suas atividades, sejam elas quais forem, elas propagam suas ideias e concepções com vistas à modificação da realidade das mulheres negras.

Assim, a classificação, construída a partir da combinação de alguns fatores, como temática abordada, forma do texto e experiência político-profissional de cada ativista, tem como objetivo facilitar o trabalho de identificação de elementos constitutivos do pensamento de mulheres negras abordados ao longo da obra, mais do que a simples categorização das trajetórias das autoras. A classificação não pretende encerrar a ação política das autoras em áreas fechadas, até mesmo porque, na realidade de suas vidas, elas cruzam e borram as fronteiras das áreas nas quais as inclui. Elas são escritoras ativistas; mães de santo educadoras; pesquisadoras ativistas; políticas artistas.

Para a apresentação das autoras e a construção do seu perfil biográfico, recorri, basicamente, à pesquisa na internet, obtendo diferentes resultados: sobre algumas encontrei muitas informações sobre outras, não, o que traduz a própria trajetória política da ativista, pois, quanto maior a representatividade e influência na sociedade e para sua comunidade maior a divulgação de suas ações.

O título, composto em duas partes, faz refletir acerca da vida e saúde das mulheres negras. Na primeira parte, *O livro da saúde das mulheres negras, a saúde* pode ser entendida a partir de uma concepção ampla, como estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas como a ausência de doenças. Neste sentido, na introdução do livro, diz Jurema Werneck (2006), se faz necessário pensar os danos psicológicos causados pelo racismo e sexismo como fatores determinantes para a sua saúde, colocando o termo saúde como uma concepção norteadora da discussão acerca das experiências das mulheres negras. Logo, saúde,

neste livro, abrange o entendimento do bem-estar geral, físico, mental e psicossocial, agregando a definição de saúde que perpassa a inclusão da busca de equilíbrio dinâmico da vida.

Através da temática da saúde, o livro procura abordar diversos aspectos da vida individual e coletiva das mulheres negras. Segundo Fernanda Carneiro (2006), em seu artigo “Nossos passos vêm de longe”, falar da saúde da mulher negra é, também, abordar a relação entre religiosidade e corpo, o qual foi marcado por experiências de exclusão. Lançar sobre ele um olhar estético-político para entendê-lo como resultado criativo da experiência espiritual, atribuindo-lhe características, como: expressivo, sensível, vulnerável e transcendente. Para a autora, o conceito de saúde está agregado à expressão corporal da mulher negra, expressão ligada, neste movimento, às práticas religiosas de matriz africanas. Saúde é, então, a possibilidade da sensação de bem estar, de equilíbrio interior atingido através da religiosidade.

A concepção de saúde da população negra foi cunhada pelos movimentos negros, nos anos de 1980, e de mulheres negras, nos anos de 1990. Ela diz respeito à “análise sistemática das desigualdades raciais em saúde e no julgamento de que sua manutenção, ao longo dos séculos, é determinada pelo racismo e outras formas de inferiorização social a ele associadas” (LOPES, WERNECK, s.d., p. 8).

A obra, diz Jurema Werneck em sua entrevista, surge a partir do contexto de buscar transformar a realidade social das mulheres negras, entretanto, medir seu impacto real sobre a vida dessas mulheres se traduz em tarefa difícil, na medida em que o sucesso da ação está diretamente vinculado à circulação e alcance do livro. Além disto, existe uma dimensão subjetiva que deve ser levada em conta, isto é, a recepção da informação depende do processo de leitura e da interpretação individual. Coletivamente, a obra representa uma conquista, pois anuncia a voz das mulheres negras em várias perspectivas.

Desse modo, a primeira parte do título recupera o racismo e a desigualdade racial como determinantes na vida de negros e negras e seus efeitos, como os danos psicológicos causados pela intersecção de raça e classe, com consequências marcantes na vida das mulheres negras, como fica bem evidente no relato “Minha história de saúde mental” onde a autora diz: “Se as oportunidades fossem melhores distribuídas, a minha loucura não teria chegado ao extremo que chegou. Quando falta dinheiro, você entra em paranoia”. (ALELUIA, 2006, p. 169).

Já a segunda parte do título, *Nossos passos vêm de longe*, é um tributo à história das mulheres negras desde o continente africano até a atualidade. A ideia, como mostra Cláudia Cardoso (2012), é enfatizar um *continuum* histórico de luta e resistências contra processos de opressão iniciados com a trajetória das mulheres africanas que sofreram as consequências do tráfico transatlântico e da exploração nas Américas. Segundo a autora, que conclui à luz do

posicionamento de Jurema Werneck, o *continuum* histórico tem dois significados. O primeiro seria uma resposta ao feminismo hegemônico e à sua reivindicação de movimento de representação universalista de todas as mulheres a partir de uma história única, a das mulheres brancas, classe média, heterossexuais e educadas. O segundo significado está relacionado à população negra e é dirigido às mulheres negras. Ele serve para lembrar que a luta contra o racismo e sexismo não começou na contemporaneidade. A frase soa como uma herança forte que necessitamos manter para podermos traçar um caminho e seguir em frente com um olhar voltado para as experiências do passado.

Ao pensar em muitos elementos destacados pelas ativistas, ao longo do livro, como fatores de desempoderamento para as mulheres, em especial, as negras, percebi semelhanças entre minha trajetória de vida e a de muitas ativistas. O tema pesquisado, portanto, está totalmente vinculado a minha trajetória pessoal, pois enquanto mulher negra, de família multirracial, vivenciei muitas situações de discriminação racial, inclusive dentro da própria família, onde a diferença de cor da pele se estabeleceu como traço indicativo para a construção de estereótipos de comportamento. Nesse caso, a pele clara é percebida como angelical e afável e a negra como rebelde e indelicada.

Assim, ao fazer a leitura desta obra, coloquei-me no lugar de cada ativista negra, fiz de cada relato de experiência fonte de reflexão para entender minha própria vida, a partir dos dispositivos de diferença produtores de desigualdades e discriminações, que atuam sobre a vida das mulheres negras ditando condições de subalternidade e marginalidade. A leitura do livro me fez ver através das suas trajetórias e compreender que as mulheres negras buscavam/buscam ter um posicionamento político sobre questões que as marginalizam e excluem. Elas empenham seus esforços para reagir à ação devastadora do racismo.

A construção do pensamento das mulheres negras através da obra

Ao apresentar a cartografia do pensamento das mulheres negras, busco a compreensão de tal pensamento, isto é, identificar como as mulheres negras produziram seus próprios mapas, retrataram/retratam seu cotidiano e suas referências a partir dos textos enunciados na obra em análise. Como afirma Cláudia Cardoso (2012), as mulheres negras na diáspora têm assumido a tarefa de inscrever na história as suas experiências, incorporando e falando de suas ações como trabalhadoras, ativistas, intelectuais para, através disto, dentre outras formas, procurar desmistificar estereótipos enraizados no imaginário social sobre mulheres negras onde proliferam imagens vinculadas à ética do cuidado (CARNEIRO, 2006, p. 25), ética esta

assimilada pelo imaginário social, interligada com construções e representações que remontam ao período colonial, como a figura da mãe-preta ou das amas de leite que acabam por justificar a exploração e subordinação de mulheres negras na sociedade.

Segundo Silvana Santos (2011), as condições discriminatórias do racismo e do sexismo, herdadas do colonialismo e impostas pelo legado da escravização atravessaram séculos e repercutem na contemporaneidade, de modo que mulheres negras e homens negros ainda são balizadas(os) por imagens de controle. A inferiorização das mulheres negras se desenvolve a partir de um contexto no qual assumem relevância características biológicas, como cor da pele e sexo, que vão embasar sistemas de hierarquização social definidos como racismo e sexismo (WERNECK, 2007).

Já Carneiro (2006) ressalta o quanto a escravidão decodificou o corpo do homem negro e da mulher negra, atribuindo-lhe uma lógica diferente e desumanizadora, engendrando significados deturpados, como aqueles que atribuem tanto à mulher negra quanto ao homem negro a existência de fatores diferenciadores no desempenho sexual, que as/os fazem ser percebidas(os) e estigmatizadas(os) como mais quentes na relação sexual. Estes estereótipos provocam danos psicológicos e, uma vez internalizados, acabam atuando como reprodutores do sentimento de subalternização e inferiorização. Podemos desconstruir esses estereótipos, à medida que mostramos de que forma foram construídos, que estes surgiram com o objetivo de desumanizar a população negra pois a desumanização impossibilita o surgimento do sujeito histórico e de sua história, uma vez que o não humano não é produtor do fazer histórico e de conhecimento.

A desconstrução dos estereótipos revela a resistência como parte da trajetória das mulheres negras, por exemplo, contra a escravidão, pois muitas escravas assassinaram feitores e senhores, cometeram suicídio e planejaram fugas sem rotas definidas, fugas motivadas pelos abusos físicos a que estavam expostas, pela inaceitável separação de familiares e, principalmente, para viver a liberdade (CARNEIRO, 2006). Estas ações são formas de resistência indicativas da afirmação da autonomia da mulher negra em relação aos horrores da escravidão, são caminhos a serem ratificados, portanto, na promoção da construção de um novo olhar sobre a história das mulheres negras, pois, é necessário descolonizar o pensamento que a sociedade tem sobre nós. Como salienta Cláudia Cardoso:

necessita-se de leituras acerca da construção de estereótipos atentas à raça, gênero e sexualidade, capazes de permitir a investigação dos elementos que a colonialidade organiza para engendrar os estereótipos acerca das

mulheres negras e desvendar o que está escondido pelo lado escuro/oculto do sistema moderno/colonial de gênero. (2012, p. 133).

Então, precisamos refazer a leitura da construção desses estereótipos para realizar uma abordagem que desmistifique e descolonize os pensamentos sobre mulheres negras, produzindo registros que se oponham às representações desumanizadoras acerca das mulheres negras brasileiras.

O lugar de fala como via de empoderamento das mulheres negras

As intelectuais que compõem o livro dão forma ao pensamento das mulheres negras na diáspora que possuem formação e nacionalidades distintas. O passado comum de escravidão e um presente de enfrentamento do racismo, sexismo e heteronormatividade compulsória constituem um processo que, embora matizado por experiências individuais e por diferentes contextos históricos, une suas trajetórias em torno de uma proposta em defesa da comunidade negra, em especial das mulheres negras, visando o seu empoderamento.

A categoria intelectual, como entendida neste trabalho, rompe com a concepção de que somente sujeitos formados pela Academia são produtores de conhecimento e podem assim ser chamados. O termo intelectual, aqui, decorre de uma articulação entre *práxis* e teoria. Conforme explica Silvana Santos (2011), as intelectuais negras ainda precisam ser reconhecidas como tal pela Academia, pois o conhecimento produzido por muitas é oriundo da experiência prática cotidiana e, por isto, rejeitado pelos cânones da episteme colonialista, uma concepção fomentada pelo racismo que invisibiliza o pensamento da intelectualidade das populações negras no país.

A classificação das autoras sob o rótulo de literatura, ativismo, política, religiosidade e saúde leva em consideração, como dito anteriormente, o lugar de fala de cada uma, a *expertise* na área e como fazem do seu trabalho lugar de militância e espaço político para enfrentar as desigualdades e opressões que excluem as mulheres negras na sociedade, que possuem trajetórias diferenciadas e, diante disto, elaboram várias estratégias de enfrentamento contra o racismo institucionalizado e o sexismo. Ao estabelecer diálogo com os marcadores sociais de gênero e raça, que perpassam as próprias histórias das autoras, elas discorrerem sobre um conjunto de múltiplos enfrentamentos e estratégias Segundo Santos (2011) podemos analisar alguns caminhos das experiências desenvolvidas pelas populações negras, em especial pelas

mulheres negras, e analisá-las dentro destas categorias é entender que os caminhos são vários, como veremos a seguir.

Literatura

São classificadas na categoria literatura: Alice Walker, Ana Amélia Ribeiro, Andrea Canaan, Audre Lorde, bell hooks, Bridgett Davies, Conceição Evaristo, Evelyn White, Luiza Santos, Opal Palmer Adisa, Fernanda Carneiro.

Alice Walker “Beleza: Quando o meu par sou eu” (p. 180-187).

Escritora e poetisa negra estadunidense, ganhadora do *Pulitzer Prize*, prêmio de literatura mais importante dos Estados Unidos, por seu romance *A cor púrpura*, adaptado para o cinema e de enorme repercussão, inclusive aqui no Brasil. Em seu texto, aborda o acidente que sofreu, provocado pelos irmãos mais velhos, que a fez perder a visão do olho direito. Walker conseguiu superar o trauma de não enxergar com os dois olhos e, por meio dessas circunstâncias, passou a ver a beleza nela mesma, entendendo o significado do conceito relacionado ao espírito e não à aparência física. A autora mostra como podemos descobrir a beleza em nós mesmas(os) cultivando o amor próprio e a autoimagem positiva, o que traz benefícios para a saúde. A mulher negra necessita recuperar este sentido de beleza (amor próprio e autoimagem positiva), por ser marcada pelo racismo e sexismo, eixos de opressão que impedem de reafirmar esta perspectiva.

Audre Lorde “Vivendo com câncer” (p. 76-87).

Escritora negra estadunidense, lésbica, foi pioneira no questionamento ao feminismo hegemônico. O texto de Lorde também se caracteriza como relato pessoal. Nele, a autora conta sua luta contra o câncer, que transformou em sua bandeira a favor da vida e contra o racismo e o sexismo. Seu texto faz parte de uma obra maior, seu diário pessoal, que mais tarde se tornou livro. O texto mostra a luta e o desejo da mulher negra de transformar a sociedade, mesmo diante de uma patologia séria. O ensinamento de Lorde é que, apesar das dificuldades, temos a opção de escolher. Ela fazia da escrita do seu diário um exercício de busca da autonomia sobre o próprio corpo. Assim, demonstra que, em qualquer situação em que estejamos, precisamos lutar. Diz:

precisamos lutar onde quer que estejamos. Não importa se estivermos num laboratório radioativo, na sala de um médico, numa companhia telefônica, nas ruas, num serviço público ou numa sala de aula. A verdadeira

bênção reside em poder dispor de quem quer que eu seja, onde quer que eu esteja, ao lado do maior número de pessoas possível, ou sozinha se preciso for. (LORDE, 2006).

Audre Lorde salienta a importância de as mulheres negras, no presente, buscarem inspiração nas ancestrais, isto é, nas mulheres do passado, que sempre lutaram por mudanças significativas, independentemente do lugar onde estavam e da posição social que ocupavam. É nesta possibilidade de transformação que o pensamento das mulheres negras se constitui, a partir da realidade e da sua experiência cotidiana social. Para Audre, a sobrevivência seria uma questão vivenciada no dia a dia, em que tomamos decisões importantes para a nossa existência, e diz que necessitamos estar ativamente na luta, independente da nossa condição física ou social, destacando, ainda, que as lutas individuais são inseparáveis das coletivas, pois a luta para salvar sua própria vida e a luta por um mundo melhor são conjuntas, uma depende da outra.

bell hooks “Vivendo de amor” (p. 188-198).

Crítica cultural negra, estadunidense, escreve sobre questões de raça, classe e gênero. Em seus textos, diz que a população negra é um povo ferido no amor, que aprendeu a fazer do amor um ato representado através da resistência e da luta pela sobrevivência, que nós mulheres negras não temos desenvolvido a capacidade de dar e receber amor por termos sido brutalmente afetadas pelo racismo e violência dos colonizadores escravistas, acontecimentos brutais que nos tiraram a capacidade de expressar e, assim, receber algum tipo de afeto. hooks sintetiza que o amor necessita estar presente na vida das mulheres negras, uma vez que a falta dele torna difícil a nossa relação interpessoal. Explora, ainda, o estereótipo da mulher negra forte, representação da super mulher, característica desumanizadora, na medida em que coloca as mulheres negras no plano do não humano.

Bridgett Davies “Falando da perda: hoje estou mal, espero que você entenda” (p. 103-115).

Escritora negra, estadunidense, jornalista e cineasta. Seu artigo traz a sua própria trajetória, um relato de suas perdas familiares e de como tais perdas foram dolorosas e diz que o seu processo para lidar com as perdas a tornou ríspida com as pessoas que não conseguem superar pequenos obstáculos. Este texto tem relação com o de bell hooks, pois mostra como uma mulher negra lida com a dor fruto do preconceito e violência racial e transforma esta experiência em um modo de viver a vida, mesmo sendo uma experiência cruel. No entanto, reconhece que a dor atrapalha sua relação com outras pessoas.

Conceição Evaristo “A noite não adormece nos olhos das mulheres negras” (p. 20).

Escritora brasileira, suas obras sempre abordam questões como a discriminação racial, de gênero e de classe. Evidencia a resistência das mulheres negras que, mesmo diante de situações adversas, buscam forças para lutar pelos seus ideais.

Evelyn White “O amor não justifica: mulheres e violência doméstica” (p. 147-152).

Escritora e jornalista estadunidense, uma das organizadoras da obra, trata sobre estratégia de enfrentamento contra a violência doméstica, trazendo como exemplo a cantora Tina Turner, que sofreu violência durante muitos anos, até que um dia resolveu mudar sua vida e se tornou cantora e respeitada por todos. Segundo Evelyn, as mulheres negras tendem a colocar as necessidades dos outros acima das suas, devido à experiência histórica com a escravidão que lhes incutiu uma perspectiva vinculada à ética do cuidado, que envolve as mulheres negras em um papel de subordinação, isto é, na noção de que nasceram para servir à sociedade branca.

Fernanda Carneiro “Nossos passos vêm de longe” (p. 22-41).

Escritora e fundadora do grupo Nós-Mulheres e do Bando de Mulheres, Carneiro empresta o título do seu artigo para o livro. Sua frase aponta para uma concepção diaspórica e, principalmente, indica uma noção de anterioridade das trajetórias das mulheres negras, transformando-se, diante disto, em símbolo do pensamento das mulheres negras brasileiras, como mostrei anteriormente. Seu trabalho, por um lado, analisa estereótipos sobre a mulher negra e, por outro, aborda e explica o sentido da luta das mulheres negras que vêm de muito tempo, tendo seu início com as nossas ancestrais. O texto contempla a experiência das mulheres negras.

Luiza Santos “Pisando em espinhos e colhendo rosas” (p. 240-242).

Agente de saúde e educadora social, mostra que, através de sua profissão como agente de saúde, teve a oportunidade de trocar experiências com outras mulheres negras e, a partir daí, percebeu a importância, enquanto profissional, de criar grupos de apoio a mulheres negras visando a educação e a informação sobre as questões de sexualidade, saúde e direitos reprodutivos. Aponta, também, no seu texto, a educação como um agente transformador da realidade, pois, para ela, a educação é a única forma de superar os obstáculos impostos pelo racismo. Luiza sempre encontrou dificuldade para estudar, uma vez que trabalhava durante o dia e à noite tinha escola, como a maioria de muitas(os) jovens pobres negras e negros, mas, mesmo com estes obstáculos, conseguiu terminar o ensino médio e percebeu que a educação seria a possibilidade de mudança na sua vida, principalmente, profissional.

Opal Palmer Adisa “Balançando sob a luz do sol: stress e mulher negra” (p. 111-115).

Escritora de livros de contos e poesia, Adisa diz que o *stress* vivenciado pela mulher negra é como o fio condutor que faz com que as mulheres negras coloquem uma máscara, favorecendo a loucura, uma vez que os sentimentos e angústias são camuflados, dando lugar ao surgimento de enfermidades, como hipertensão, depressão, úlceras e, até, dependência de drogas.

É tendo como concepção a importância da religiosidade, pois, como afirma Fernanda Carneiro (2006), muitas mulheres negras fornecem significado espiritual a tudo que fazem, pois entendem a força da religião como uma extraordinária fonte de aprendizado, apoio e sustento da existência negra no Brasil (CARNEIRO, 2006, p. 24), que classifico Mãe Beata de Yemonjá e Ivone Werneck no aspecto da religiosidade, aspecto importante, pois, exercendo a função de Mães-de-Santo, ambas desenvolvem ações que beneficiam a sua comunidade, obtendo representatividade e o respeito de todos.

Religiosidade

Mãe Beata de Yemonjá “Tradição e Religiosidade” (p. 16-19).

Seu relato pessoal inicia o livro. Cabeleireira, costureira, pintora e bordadeira, hoje, mora no Rio de Janeiro. Beatriz Moreira Costa nome de batismo, nascida no Recôncavo da Bahia, traça em seu texto toda a sua trajetória e mostra a sua relação com a religiosidade africana. Mãe Beata traz um questionamento importante que serve de exemplo para todas/os aquelas/es batizadas/os dentro da cultura ocidental colonialista. Ela questiona a origem do seu nome de batismo, pois este não condiz com sua identidade. Em sua perspectiva, seu nome deveria ser de origem Iorubá. Mãe Beata de Yemonjá, através de sua experiência, nos ensina a reconhecer a nossa identidade negra.

Ivone Werneck “Rezadeira e curandeira” (p. 218-220).

Costureira aposentada e rezadeira, desenvolveu suas atividades religiosas no bairro de Vista Alegre, no Rio de Janeiro. Ivone Werneck escreveu sobre os ensinamentos de sua avó, que lhe ensinou a utilizar ervas medicinais para tratar de qualquer doença, ensinamentos estes que serviram para fortalecer seu espírito. Foi iniciada no Candomblé quando teve uma doença grave. Passou a realizar, no seu bairro, rezas e a fazer remédios para tratar as pessoas quando ficavam doentes e, com isto, obteve o respeito da comunidade em que vive.

Política

Marina Silva e Benedita da Silva são representantes em um espaço de acesso limitado às mulheres, de modo geral. A participação política das mulheres brasileiras ainda é pequena e poucas são aquelas que conquistam cargos eletivos. Por isto, a participação na esfera política de mulheres negras é tão relevante. As duas ativistas aqui apresentadas, através da inserção no cenário político, tornaram pública a necessidade do desenvolvimento de políticas voltadas para as populações negras. E, mais especificamente, Benedita da Silva explora a importância de tais políticas para as mulheres negras.

Marina Silva “Moinhos e gigantes” (p. 116-118).

Durante quase trinta anos de vida pública, lutou em defesa da ética, da valorização dos recursos naturais e do desenvolvimento sustentável. Foi vereadora, deputada estadual, senadora, candidata à presidência e secretária do Ministério do Meio Ambiente. Seu texto aborda sua trajetória pessoal e política, ressaltando sua inserção na militância, que está relacionada a questões ambientais e direitos das populações ribeirinhas. Um dos maiores obstáculos na vida desta militante foi superar a sua fragilidade da saúde, para conseguir estudar, mas mesmo assim conseguiu chegar ao ensino superior. Marina Silva representa as mulheres negras de origem pobre que conseguiram se destacar em cargos públicos.

Benedita da Silva “Nós, mulheres negras” (p. 179).

Graduou-se em Estudos Sociais e Serviço Social, exerceu vários cargos legislativos, iniciando como vereadora pela cidade do Rio de Janeiro, em 1982, quando foi eleita a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Câmara de Vereadores, e chegou a ministra de Estado. Em seu poema, ressalta a beleza da mulher negra, em um texto que procura desmistificar os estereótipos sobre a mulher negra, tais como a imagem vinculada à mãe preta, à ética do cuidado e também à mulata, e resgata a beleza da mulher negra, que sempre foi atrelada a representações negativas. Benedita da Silva está inserida na política, mas isto não a impede de denunciar a violência impingida às mulheres negras através de um poema. Em seu poema, ela representa mulheres negras que romperam estigmas e alcançaram lugar de destaque na sociedade, em diferentes áreas.

Saúde

Na categoria Saúde, foram classificadas as mulheres profissionais da área que fazem da sua profissão um lugar de militância política. Maria Stela Silva, Maria Laura dos Santos, Jurema

Werneck, Regina Nogueira, Simone Santos, Suely Boulos, Rejane Aleluia, Leora Myers, Fátima Oliveira são todas ativistas vinculadas a esta área.

Maria Stela Silva “Mulher negra profissional na área de saúde” (p. 224-227)

Enfermeira e psicóloga é também professora da Universidade Federal Fluminense. Maria Stela, em seu texto, reflete sobre a maneira preconceituosa como a mulher negra é tratada enquanto profissional de saúde, uma vez que, recorrentemente, precisa mostrar sua competência e conhecimento, além da luta constante pela afirmação étnico/racial, e narra acontecimentos experienciados em sua profissão como enfermeira nos quais precisou superar o racismo e a rejeição de outros profissionais de saúde e, até mesmo, de alguns pacientes. Negras e negros e, talvez, com maior intensidade, as mulheres, ainda são vistas/os como pessoas menos capazes, principalmente para exercer atividades percebidas como de domínio das classes dominantes, como é a área da saúde. Esta situação só poderá ser superada com a conscientização de que necessitamos superar o racismo.

Maria Laura dos Santos “História de uma parteira” (p. 221-227).

Maria Laura traz a sua trajetória de vida mostrando que a sua escolha profissional, como parteira, aconteceu precocemente, quando ainda era muito nova. Em seu texto, diz que, quando esteve no serviço atendendo mulheres grávidas, percebeu que os programas de saúde necessitavam ser ampliados e melhorados para poder oferecer às populações mais necessitadas um bom serviço. Observou, também, que, mesmo com a evolução da medicina, ainda temos mortes de mulheres decorrentes de alguma complicação no puerpério e até mesmo durante o trabalho de parto. A desumanização deste serviço dificulta o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, pois os profissionais não entendem que, para melhorar o atendimento, necessitam se aproximar da paciente e dialogar com ela.

Fátima Oliveira “As síndrome falciforme e o PAF/MS” (p. 158-165).

Médica e escritora brasileira, seu texto analisa a criação e o reconhecimento político do Programa de Anemia Falciforme do Ministério da Saúde, destacando que mesmo existindo o Programa, a grande maioria da população negra não sabe nem conhece o programa, que é parte da Política de Saúde da População Negra. Para Fátima, a implementação do PAF/MS é um projeto antirracista e anti-eugenista, pois inclui a população negra em um programa especial de saúde.

Jurema Werneck “O desafio das Ialodês: mulheres negras e a epidemia de HIV/AIDS (p. 95-102).

Médica, ativista do movimento das mulheres negra, pesquisadora sobre a saúde da mulher negra, fundadora e coordenadora da organização Criola é, também, uma das organizadoras do livro. Em seu texto, traz a importante discussão sobre a saúde das mulheres negras, refletindo sobre a condição social destas mulheres e colocando a falta de acesso à informação como o principal fator da vulnerabilidade ao HIV/AIDS. Segundo Jurema, é preciso melhorar os serviços de informação, para que todos tenham acesso aos meios de prevenção. A autora traz uma reflexão sobre a nossa responsabilidade com o outro, a necessidade de informar que a AIDS é uma doença que afeta a capacidade de imunização de qualquer ser humano e que devemos colocar nossa experiência e informação a serviço dos outros.

Regina Nogueira “Mulher negra e obesidade” (p. 199-201).

Médica, foi secretária de saúde na cidade de Palmeira das Missões, no Rio Grande do Sul. Fundou o grupo Griô, em Porto Alegre, e, também, o Centro Pedagógico de Reterritorialização e Cidadania Negra. Regina Nogueira discute sobre a forma como a mulher negra lida com a obesidade e propõe a discussão acerca da cultura ocidental que submete as mulheres negras à estereotipia da escravização e dita um padrão de beleza que exclui as mulheres negras e obesas do convívio social.

Simone Santos “A gravidez desejável em adolescentes de classes pobres” (p. 127-129).

Assistente social, trabalhou no programa Saúde da Mulher. Simone analisa a gravidez a partir de um olhar inovador, isto é, sobre a importância que esta pode adquirir na vida de uma adolescente. Ela percebe que, em muitos casos, a gravidez precoce é algo desejado pelas adolescentes, na medida em que a gestação pode realizar transformações significativas na maneira pela qual a sociedade as enxerga, fazendo com que deixem de ser percebidas como inconsequentes, irresponsáveis, e pode lhes agregar respeito, na medida em que passam de adolescentes para mulher-mãe.

Suely Boulos “A saúde mental da população negra; uma breve reflexão a partir da experiência com grupos de auto-ajuda” (p. 171-175).

Assistente social, foi membro do conselho diretor e coordenadora da área de ação comunitária e do projeto, construindo a organização do grupo de mulheres negras Fala Preta!!. Suely propõe, em seu texto, uma reflexão sobre o enfrentamento do racismo através de grupos de apoio às pessoas que já o sofreram. O texto mostra as marcas deixadas pelo racismo nas mulheres negras que buscaram um grupo de apoio para empreender a superação do sentimento

de inferiorização e isolamento. O grupo de apoio as fortalece para o enfrentamento da discriminação.

Rejane Aleluia “Minha história em saúde mental” (p. 167-165).

Artesã e instrutora no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ativista da luta antimanicomial e pelos direitos humanos dos portadores de doença mental, relata a experiência de como passou a sentir a exclusão social por ser uma mulher negra, nascida e criada na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. Teve problemas de saúde mental devido à falta de oportunidade e, com isto, afastou-se do convívio social, pois a sociedade lhe dera um lugar social de subalternidade. Rejane Aleluia conseguiu melhorar seu estado psicológico quando procurou ajuda para tratar da saúde mental. Assim começou a sua ressocialização para se reinserir no convívio social, o que considera importante para a finalização do seu tratamento. Este relato mostra que o racismo aliado ao sexismo provoca, na mulher negra, efeitos violentos em função das representações negativas e desvalorizadas em nossa sociedade.

Leora Myers “Novas fronteiras: mulheres negras e menopausa” (p. 211-217).

Enfermeira, trabalha com saúde e boa forma da mulher na Baía de São Francisco, na Califórnia. Myers faz um relato de sua experiência com a menopausa, explicando que esta é uma etapa de transição da mulher, para ela, uma fase de demonstração plena da sabedoria e maturidade adquirida ao longo da jornada. Esse texto me fez entender que, mesmo sabendo como nosso organismo funciona, precisamos de informações, necessitamos de pessoas que nos orientem a lidar com as transformações do corpo apresentadas com o passar do tempo e como essa experiência de transformação pode modificar nossa trajetória, pois, enquanto indivíduos, estamos sempre em crescimento e amadurecimento.

Ativismo

Os caminhos de atuação e ativismo são entendidos como análises dos espaços de reivindicações. Apresento, na categoria Ativistas, Luiza Bairros, Leci Brandão, Hildézia Mendeiros, Lúcia Xavier, Vilma Reis, Sueli Carneiro, Rosália Lemos, Josina Cunha, Alzira Rufino, Andrea Canaan, Edna Roland, Angela Davis, mulheres que fazem do seu posicionamento uma via de luta e empoderamento de todas as mulheres negras.

Andrea Canaan “Eu proclamo: encarando abuso sexual na infância” (p. 156-157).

O texto mostra a trajetória pessoal da autora, que sofreu abuso dos onze anos até completar quinze anos de idade e, mesmo com todo este sofrimento, passou a ser considerada

culpada por ter sido abusada sexualmente por anos, pois, quando o caso se tornou público, foi acusada de ter seduzido o agressor. O texto traz a reflexão de como a sociedade é permissiva à reprodução da subalternidade das mulheres negras, pois sua mãe sabia do abuso e deixava acontecer, em troca de alguns favores como casa, comida e roupas. Andrea aborda uma temática bastante importante e delicada, pois, ao trazer sua experiência de violência decorrente do abuso sexual, valoriza a denúncia de situações de violência cometidas contra mulheres e meninas na comunidade negra. A quebra do silêncio simboliza a retomada da autonomia e o empoderamento das mulheres negras, ao mesmo tempo em que chama a atenção para uma situação que traduz exclusão e vulnerabilidades múltiplas de muitas mulheres que enfrentam a mesma realidade.

Angela Davis “Viver e continuar lutando” (p. 68-72).

Ativista estadunidense, nos anos 70, militou no *Black Panthers*, principal grupo de defesa dos direitos dos negros americanos. Atualmente, Angela Davis é professora do Departamento de Filosofia da Universidade da Califórnia e, como escritora e pesquisadora, aborda questões sobre raça, gênero e classe. Atua, também, nas áreas da saúde e direitos humanos das mulheres presidiárias. Em seu texto, aborda a condição social das mulheres negras, colocando em questão a exploração da mão de obra das mulheres presidiárias por companhias privadas, uma política que fortalece o capitalismo. No seu texto, também discorre acerca da implementação de políticas de saúde reprodutiva conservadoras, como a esterilização forçada das populações negras. Segundo a autora, tanto o crescimento carcerário quanto o controle da natalidade da população negra servem como medidas de controle aplicadas pelos governantes, pois é mais prático impor estas medidas do que estruturar políticas públicas de educação e saúde.

Alzira Rufino “Pancada de Amor Dói. E muito” (p. 143-146).

Escritora, profissional de saúde e ativista, é uma das fundadoras do Coletivo da Mulher Negra da Baixada Santista. Em 1990, fundou a Casa de Cultura da Mulher Negra (CCMN) da qual é presidente. Em seu texto, faz uma denúncia sobre a violência contra as mulheres, fazendo da literatura um instrumento para informar e, ao mesmo tempo, encorajar mulheres que passam por esta situação a denunciar as agressões sofridas. A violência doméstica é um problema de saúde pública que atinge todas as mulheres, em qualquer condição social.

Hildézia Medeiros “Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara...” (p. 243-246).

Professora e também dirigente do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, ativista, foi secretária Estadual de Assistência Social do Rio de Janeiro e coordenadora do Centro de

Atividades Culturais Econômicas e Sociais (CACES). Hildézia faz um resgate histórico sobre sua trajetória de vida até a inserção nos movimentos clandestinos contra o regime da ditadura militar, estabelecendo relações com a experiência posterior no movimento feminista.

Luiza Bairros “Lembrando Lélia Gonzalez” (p. 42-60).

Pesquisadora, ativista, foi integrante do grupo Yalodês, grupo de mulheres negras de Salvador, e, também, do Movimento Negro Unificado do Brasil. Em 2008, ocupou a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia (SEPROMI) e, atualmente, exerce o cargo de Ministra-Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade de Promoção Racial do Brasil (SEPPPIR). Luiza Bairros traça a trajetória política de Lélia Gonzalez, realizando um resgate do percurso desta ativista negra, que contribuiu para o fortalecimento do movimento de mulheres negras no Brasil. Ao realizar a leitura desse texto, que recupera a trajetória de Lélia, entendo os mecanismos destacados por Lélia Gonzalez para enfrentar o racismo, que impossibilita a sociedade de ver negras e negros como sujeitos com potencial e agenciamento transformador.

Edna Roland “Eu fiz aborto: Aborto na clandestinidade” (p. 130-136).

Psicóloga, ativista do movimento negro dos anos 1980, fundadora do bloco Alafiá do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo e do Geledés Instituto da Mulher Negra. Roland propõe a reflexão acerca do racismo institucional que sofreu quando procurou um profissional de saúde para obter informações sobre a utilização de anticoncepcionais. O racismo institucional expõe as populações negras a vulnerabilidades, pois estas são consideradas e tratadas como populações inferiores, pelo próprio Estado, uma vez que as instituições estatais refletem o racismo existente na sociedade, agindo com preconceito e discriminação. Foi o fato de ter sido vítima deste racismo que a fez receber informação incompleta sobre métodos anticoncepcionais, o que gerou uma gravidez indesejada e, conseqüentemente, levou-a à realização do aborto clandestino. Durante muito tempo, Edna se culpou por ter realizado o aborto, mas, posteriormente, percebeu a falta de informação decorrente do atendimento deficiente causado pelo racismo institucional como responsável pela situação.

Leci Brandão “Histórias e lutas” (p. 228-230).

Cantora e compositora, tem sua arte voltada para a valorização da cultura afro-brasileira. Atualmente exerce o cargo eletivo de Deputada Estadual, pelo Rio de Janeiro. Desde o início da sua carreira, apoia as lutas das populações discriminadas, como negros, homossexuais e favelados. Leci Brandão mostra como, através do seu trabalho, conseguiu cumprir seu principal objetivo: lutar por justiça social para as populações discriminadas. Suas músicas falam do

cotidiano destas populações. No texto, também reflete sobre sua experiência de vida, que foi muito difícil, porém, através de sua música, da arte, passou a lutar para transformar sua condição social e ressalta que utiliza o canto como instrumento de luta, denunciando a discriminação racial através de suas canções, sempre dando lugar de fala aos movimentos dos sem-terra, feministas, negro e de mulheres negras. Ela percebe a sua carreira como um espaço que a empodera e, mesmo sendo muito criticada pela sociedade, que considera as letras de suas músicas agressivas e violentas, pois tratam de temas sociais e de preconceito e discriminação, continua a utilizar sua arte para retratar a realidade.

Lúcia Xavier “Cláudia uma flor-mulher” (p. 119-126).

Assistente social, uma das fundadoras e coordenadora do grupo Criola, organização de mulheres negras fundada em 1992, objetivando defender e promover os direitos e a autonomia das mulheres negras em uma perspectiva integrada e transversal. Lúcia Xavier apresenta o relato da trajetória de uma mulher negra moradora de rua do Rio de Janeiro, Cláudia Gomes Flor, que ficou conhecida por seu apelido, “macumbinha”. O apelido se deve à posição de destaque que Cláudia tinha no grupo, pois era vista como líder por todos os integrantes, em função de sua forma agressiva de encarar e resolver os problemas. Cláudia tinha uma estratégia de defesa, enfrentava a todos sem nenhum medo, era ríspida em suas atitudes, como forma de enfrentamento contra toda a violência que sofria. Enfim, este grupo representava o espaço aberto para o diálogo com essas meninas.

Vilma Reis “Mulheres: pelo direito de decidir a prática do feminismo no debate sobre aborto legal” (p. 137-141).

Formada em Ciências Sociais, foi ativista do movimento estudantil e participa atualmente do movimento de mulheres negras. Vilma traz uma discussão sobre o aborto legal como ação de saúde pública, como medida preventiva para diminuir os riscos de morte de mulheres que são obrigadas a se submeter a abortos clandestinos, procedimento realizado, na maioria das vezes, em situações precárias. Vilma Reis defende a ideia de que a mulher precisa ter autonomia sobre seu corpo e trata o aborto como um recurso que necessita ser adotado pelo Ministério da Saúde, pois o governo deve garantir a todas as mulheres este direito para a redução dos riscos.

Sueli Carneiro “Raça e etnia no contexto da conferência de Beijing” (p. 247-256)

Formada em Filosofia, é coordenadora executiva do grupo Geledés Instituto da Mulher Negra, criado em 1988, organização que tem posicionamento na defesa de mulheres e negros por compreender que estes sujeitos sofrem desvantagens e discriminações no acesso às

oportunidades, em relação à população branca (CARNEIRO, 2006). Seu texto define a bandeira de luta do movimento das mulheres negras, que consiste em enfrentar a opressão de gênero e de raça. Sueli Carneiro, uma das maiores intelectuais negras brasileira, diz, no texto, que o enegrecimento do movimento feminista brasileiro é significativo, pois elabora e institui uma agenda, colocando em pauta a necessidade de discutir e desenvolver uma política que assista às demandas das mulheres negras. O texto apresenta uma síntese do pensamento feminista das mulheres negras, através da descrição das organizações e eventos realizados por elas.

Rosália Lemos “A face negra do feminismo; problemas e perspectivas” (p. 62-67)

Ativista, fundadora do grupo Elleéké, em Niterói, Rio de Janeiro. Segundo Lemos, o feminismo negro é uma forma política de ver o mundo. Ela demonstra, em seu texto, que as mulheres negras e brancas estão inseridas em contextos diferentes, pois as mulheres negras lutaram pelo reconhecimento do seu trabalho, uma vez que já estavam inseridas no mercado de trabalho, enquanto as mulheres brancas reivindicavam sua inserção neste contexto. Rosália Lemos discute a necessidade de uma organização do movimento que representasse as mulheres negras, uma organização que discutisse gênero e raça.

Josina Cunha “Obìnrìm Odara-Mulher Bonita” (p. 202-211).

Professora da rede pública do Rio de Janeiro e também estilista e coordenadora de projetos culturais voltados para estéticas afro-brasileiras, em seu texto, traz uma proposta para resgatar a autoestima da mulher negra, através das técnicas de embelezamento. Ela explora a valorização da autoestima das mulheres negras e explica como passou a trabalhar com a produção estética de moda afro e, dentro desta proposta, desenvolveu várias técnicas como tranças para cabelos, receitas para cabelos e pele mais viçosas. Para Josina, falar da beleza da mulher negra é falar sobre a nossa pele, sobre os nossos cabelos e os nossos corpos, ressaltando que necessitamos desmitificar a própria imagem que a mulher negra tem de si como “feias” e “inferiores”.

O PENSAMENTO DAS MULHERES NEGRAS NA DIÁSPORA

A proposta, aqui, é identificar, no texto de algumas autoras que contribuíram para a elaboração da obra, elementos do enfrentamento ao racismo e ao sexismo constitutivos do pensamento de mulheres negras. Analiso como essas mulheres desenvolveram estratégias individuais e coletivas de luta contra as opressões e como foram tecendo a construção de uma

agenda de enfrentamento às violências produzidas por estes processos de opressão, que nos transformam em um grupo vulnerável. Nesta direção, diz Jurema Werneck:

esta vulnerabilidade não deve ser compreendida como uma condenação e sim um desafio que tanto as mulheres negras como toda a população precisam enfrentar. Desafio de agir buscando a auto-preservação; de enfrentar a epidemia também no campo social e político -pressionando governos, serviços e profissionais de saúde na garantia de condições básicas para toda a população tenha acesso à informação. (WERNECK, 2006, p. 95).

Werneck discute sobre a vulnerabilidade social que atinge as populações negras. A falta de acesso a informação, educação de qualidade e serviços de saúde é produto do preconceito e da discriminação racial, acionados pelo racismo que está impregnado na maneira como a sociedade dominante enxerga e trata negros e negras, principalmente as mulheres, pois, somos percebidas como ainda à disposição para servir a classe dominante. A sociedade hegemônica parte da representação da mulher negra vinculada à subordinação, como salienta, em seu texto, Luiza Santos:

Durante sete anos trabalhando nessa casa, nunca recebi nem um tostão. Comia as sobras das refeições, vestia roupas usadas, trabalhava como escrava e apanhava de vez em quando. Quando comecei a ficar adolescente, a coisa piorou. Meu patrão me xingava e dizia que se eu namorasse iria me botar na rua. Não tinha feriado, nem domingo. Não tinha alegria. E me tornei uma adolescente introvertida e triste. (SANTOS, 2006, p. 242).

Somos uma população que ainda sofre com os grilhões da escravidão e isto nos fere de tal maneira, gerando conflitos pessoais, isolamento social e levando ao desinteresse do convívio social. Assim, a discriminação racial e o preconceito têm ação devastadora nas populações negras, desenvolvendo, muitas vezes, complexo de inferioridade e baixa autoestima. O racismo fez com que as mulheres negras, principalmente, tivessem receio de conhecer seu próprio corpo ou discutir temas relacionados à sexualidade ou direitos reprodutivos, transformando tais questões em tabu.

Nessa luta contra o racismo e o sexismo, eixos determinantes de opressão que impedem a plena inserção na sociedade das mulheres negras, se faz necessário discutir sobre a questão racial no país, pois a maioria da população negra ainda sofre discriminação, apesar do acesso

de poucos a cargos de destaques ou de representação social positiva. Como, por exemplo, Leci Brandão, que, em seu relato, mostra que, apesar de sua visibilidade no cenário da música, ainda sofre discriminação e que diversas vezes passou por situações constrangedoras. Em suas palavras, diz Leci Brandão:

Às vezes, encontro o preconceito racial, quando algum porteiro de prédio não me reconhece e aponta para entrada de serviço. Sou uma pessoa de origem humilde e isso é uma marca que carrego comigo. Por exemplo, se estou num aeroporto, o pessoal da limpeza sempre vem me cumprimentar e conversar comigo com a maior naturalidade. Já os executivos vêm pedir autógrafa, dizendo que é pra um familiar ou para empregada. (BRANDÃO, 2006, p. 228).

O fato de Leci Brandão, mesmo sendo uma cantora reconhecida pelo seu trabalho, ainda sofrer discriminação demonstra como o preconceito está incrustado na mentalidade da população brasileira que ainda percebe negras e negros como inferiores. Enquanto Deputada Estadual, ela discute, na atualidade, sobre a implementação de ações afirmativas na USP, discussões que fazem parte de um projeto maior de políticas voltadas para a inclusão da população negra. Assim como Leci, Marina Silva e Benedita da Silva representam uma minoria de mulheres negras que conseguiram uma projeção social no espaço da representação política e lutam pelo reconhecimento de suas comunidades.

As lutas contra a opressão vêm da própria existência histórica da mulher negra desde os períodos pré e, principalmente, colonial, pois suas ancestrais tinham como estratégia de resistência a fuga para os quilombos e, até mesmo, recorriam a expedientes como entregar os filhos na roda dos expostos para que não fossem vítimas da escravidão. (CARNEIRO, 2006, p. 36). Foi através destas ações que desenvolveram estratégias de superação das dificuldades encontradas em suas trajetórias, daí porque afirma Sueli Carneiro que as populações negras precisam resgatar em suas ancestrais os modelos de luta. Segundo a autora:

Para conquistar a existência social foi preciso partir de existência ontológica que nossas ancestrais descobriram nelas próprias e não negaram desde início, afirmando-a em práticas comunitárias. O direito à existência negra não se emudeceu e, até que a justiça ainda seja estabelecida, não emudeceremos jamais. (CARNEIRO, 2006, p. 41).

As ancestrais carregaram toda a responsabilidade de iniciar um caminho de luta e resistência. Cabe salientar, neste movimento, a figura das Ialodês entre os Iorubás, representantes das mulheres, líderes comunitárias que tinham como função zelar para que os interesses das mulheres e de toda a comunidade fossem atendidos⁵. Esta representação da mulher negra como líder é uma das nossas maiores heranças pela qual que devemos zelar e valorizar, pois simboliza uma história vinculada a um passado de reivindicação de direitos para a comunidade. São histórias que desmistificam o lugar de subalternidade delegado às mulheres negras na história e que precisam ser contadas e recontadas para as próximas gerações.

Lélia Gonzalez é outra ativista histórica de fundamental importância para a luta das mulheres negras na atualidade, que nos deixa como ensinamento que devemos sempre estar prontas para lutar e enfrentar ações que busquem nos reduzir à categoria de inferiores ou nos subjuguem. Ela agregou valores para o movimento de mulheres negras, pois se dedicou ao estudo de questões relevantes para o enfrentamento do racismo e sexismo, superando barreiras impostas pelo racismo na Academia para a abordagem de tais temáticas. Ela integrou o conjunto de intelectuais negras e negros que iniciaram a crítica ao branqueamento vigente na sociedade brasileira, fenômeno que marcou sua experiência pessoal. O ativismo negro a fez perceber que determinadas atitudes tomadas por ela, como o alisamento do cabelo, se tratavam, na verdade, de uma tentativa de se aproximar fenotipicamente das mulheres brancas, pois a beleza da mulher branca era e continua sendo o padrão a ser seguido. (BAIRROS, 2006, p. 45).

Para além de registrar a sua importância, destaco pontos de sua obra, em função da importância que esta possui para a constituição do Pensamento de Mulheres Negras no Brasil. Lélia Almeida Gonzalez foi pioneira, nos anos 1980, na construção do pensamento feminista negro e elaborou tal concepção a partir do entendimento da condição social da mulher negra na sociedade brasileira. Abordou o racismo e o sexismo de modo imbricado, analisando seus efeitos sobre a vida das mulheres negras e se dedicou a promover a transformação na sociedade, auxiliou na criação e estruturação de instituições como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga.

É autora de vários textos, dentre os quais “Nanny” (1988), onde recupera a resistência da mulher negra na América Latina e Caribe, representação de grande importância para os jamaicanos, que tem a mesma intensidade que a figura de Zumbi dos Palmares para a história

⁵ Segundo BERNARDO (2005, p. 4): “A Ialodê era uma associação feminina cujo nome significa ‘senhora encarregada dos negócios públicos’. Sua dirigente tivera lugar no conselho supremo dos chefes urbanos e era considerada uma alta funcionária do Estado, responsável pelas questões femininas, representando, especialmente, os interesses das comerciantes”.

de negras e negros no Brasil. Lélia considera Nanny um dos pilares das lutas das “amefricanas”, termo que sintetiza a descendência dos africanos trazidos para a América como também aquelas pessoas que chegaram na América antes de Colombo. Amefricanidade é conceito da identificação de uma experiência histórica na diáspora. (GONZALÉZ, 1987). Lélia Gonzalez é considerada uma pensadora e elaboradora da *práxis* política e das possibilidades de rompimento com as estruturas de desigualdades e opressão de ordem econômica, social e cultural. (RATTS; RIOS, 2010).

O racismo presente na sociedade brasileira se fortalece a partir de práticas diárias produzidas pelos detentores dos poderes econômico, social, cultural e político, tendo a mídia como um dos principais meios disseminadores de estereótipos e de representações negativas de negras e negros, com destaque para a televisão, e a mulher negra como o objeto, geralmente, das representações negativas, representações estas violadoras dos direitos destes sujeitos, pois atuam como instrumentos produtores de violência, inviabilizando o exercício pleno da cidadania daqueles que sofrem com a ação do racismo.

Com o objetivo de garantir os seus direitos, as mulheres negras passaram a se organizar, por entenderem que unidas teriam possibilidades de reivindicar a inclusão de aspectos específicos para atender às suas necessidades e, assim, exercerem coletivamente direitos democráticos. O movimento de mulheres negras surgiu neste contexto. Assim, conforme explica Sueli Carneiro,

o movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negro e de mulheres. Por um lado, esse movimento vem enegrecendo as reivindicações das mulheres, tornando-as mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras e por outro lado, vem promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (CARNEIRO, 2006, p. 247).

Essa luta das mulheres negras contra a opressão vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, favorecendo tanto a discussão da questão racial quanto a questão de gênero, na sociedade brasileira, abrindo um leque de argumentações sobre as mulheres negras. A idealização sobre a mulher como sujeito e categoria de análise universal foi questionada, primeiramente, pelas organizações de mulheres negras, também devido à

necessidade de intervenção na realidade de exclusão destas mulheres. Segundo Sueli Carneiro (2006), estas organizações buscaram contribuir com propostas para o desenvolvimento humano, principalmente das mulheres negras, assegurando direitos e construindo um país pluricultural e multirracial que respeite as diferenças e especificidades de cada indivíduo. Como diz Sueli Carneiro:

A luta das mulheres negras contra opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. Isso representa uma nova identidade política decorrente da condição específica de ser mulher negra. (CARNEIRO, 2006, p. 247).

As mulheres negras começaram a perceber que o feminismo hegemônico não discutia as diferenças de classe social ou étnica e só evidenciava a questão de gênero, pois estamos inseridas em uma sociedade com contradições, inclusive entre mulheres, que possuem experiências de vida diferentes, contradições desenhadas pelas desigualdades de classe, raça, gênero e sexualidades, entre outros marcadores sociais.

Para Silvana Santos (2011), o feminismo negro surge como um processo de amadurecimento político a partir do momento em que as mulheres negras percebem que poderiam desconstruir o racismo e enfrentar o sexismo, entendendo sempre as mulheres negras dentro de sua diversidade. Engajadas no feminismo negro, passamos, então, a identificar que nossas discussões poderiam transformar as relações sociais das populações negras, mais especificamente, das mulheres negras.

Como explica Rosália Lemos (2006), uma das autoras, o pensamento do feminismo negro como conceito surgiu buscando aprofundar discussões importantes sobre as ações das mulheres negras empreendidas em vários momentos na história do Brasil. Já para Jurema Werneck (2006), o feminismo negro é a tentativa palpável de discutir as diferenças. Assim, o feminismo negro surge com o objetivo de analisar a diversidade dentro do próprio movimento feminista, amplamente falando, o que proporcionou um aprofundamento de temas como o racismo e a homossexualidade. Fernanda Carneiro (2006) analisa o pensamento feminista negro como perspectiva que influencia em uma identidade para a formação de um nós pronunciado em defesa da luta contra o racismo.

O pensamento de mulheres negras brasileiras é uma tessitura do entendimento de cada mulher negra, de cada história, pensamento que rompe com a ideologia hegemônica da universalização da mulher, pois coloca em pauta as especificidades e particularidades dos grupos, rejeitando, assim, entendimentos generalistas. Se o feminismo surgiu reivindicando as questões das mulheres, mas afirmava as mulheres brancas, as mulheres negras passaram a questionar tal concepção e a reivindicar a inclusão de raça no debate feminista, visando colocar as necessidades de enfrentamento do sexismo racializado, que impõe situações de exclusão e vulnerabilidades múltiplas às mulheres racializadas dos grupos subalternos. Assim, a nossa luta vem transformando a estrutura política feminista, uma vez que introduzimos a discussão sobre raça.

Ao interpretar os textos, entendidos neste trabalho como fontes, juntamente com a trajetória de cada autora, identifiquei que a concepção de educação e, conseqüentemente, o acesso ao conhecimento é uma via de empoderamento da mulher negra, que esta concepção é percebida como um fator que pode libertá-la da subordinação social. Este é um caminho que pode levar à mudança social, pois o acesso ao conhecimento contribui para a autodefinição. Com o acesso à educação conseguimos manipular as ferramentas historicamente usadas pelos poderes constituídos hegemonicamente para a submissão da população negra e, com isto, passamos a reescrever nossas trajetórias, assumindo o lugar de sujeitos capazes de ditar um novo rumo à nossa história. Tal perspectiva pode ser percebida no relato de Luiza Santos, que demonstra sua luta para ter a possibilidade de estudar, ela que teve, como a maioria das mulheres negras, muitos obstáculos na vida e que, mesmo diante de condições desfavoráveis, conseguiu cursar o segundo grau. Luiza sintetiza este pensamento diaspórico, pois enxerga a educação como um meio que a auxiliará no seu empoderamento e para a mudança na sua condição social.

Esse pensamento diaspórico também está voltado para a recuperação da história das mulheres negras através da reinterpretação da história oficial, opondo-se aos paradigmas tradicionais, rompendo com os cânones, objetivando revelar a contribuição das mulheres negras nas diversas áreas do conhecimento, retirando estas mulheres da invisibilidade histórica e mostrando para a sociedade que também temos história e produzimos conhecimento. (SANTOS, 2011). Também desconstrói a representação da mulher negra a partir de três estereótipos – mulata, doméstica e mãe preta –, que vêm rotineiramente confirmar um lugar de exclusão e violência. A desconstrução destas representações e estereótipos se orienta por uma perspectiva diaspórica de valorização e autodefinição das mulheres negras.

As mulheres negras fazem de sua profissão lugar de militância e para a disseminação do seu posicionamento político e, também, do seu pensamento. Elas percebem seu trabalho como

instrumento e meio que lhes possibilita lutar contra o racismo e sexismo. O pensamento diaspórico está ligado à trajetória destas mulheres, discutindo o enfrentamento ao sexismo, racismo e ao heterossexismo a partir da concepção interseccional. São estas perspectivas que constituem o pensamento das mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura dos textos e das análises das trajetórias das autoras, transportei-me para o lugar de cada mulher negra, passando, assim, a entender suas angústias, indignações e dificuldades, que foram diversas. Percorrer o caminho de entender o pensamento das mulheres negras, através da obra *O livro de saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, permitiu compreender como os marcadores sociais registram em nós, experiências marcantes, que deixam gravadas na alma e no corpo, marcas que, muitas vezes, nem o tempo dá conta de apagar. São situações e vivências de exclusões produzidas pela intersecção do sexismo e racismo.

Ao classificar as mulheres em áreas, como saúde, literatura, política, religiosidade e ativismo, busquei traçar um panorama visando fornecer uma visão da constituição do pensamento das mulheres negras brasileiras. As áreas são também espaços de atuação profissional e lugar de fala contra a disseminação ideológica do racismo e sexismo. Concluo que o pensamento diaspórico elaborado pelas mulheres negras constitui e inspira o movimento de mulheres negras brasileiras, um pensamento construído a partir do contato com mulheres da diáspora negra.

A fonte de inspiração, na busca por mudanças significativas na condição social das mulheres negras, vem das nossas ancestrais, aquelas que sempre enfrentaram os poderes constituídos, desde o período pré-invasão colonial, no continente africano. Por fim, este trabalho teve como principal objetivo contribuir para a visibilidade e a valorização da história das mulheres negras, por entendê-las como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Através da análise da obra refleti sobre a condição social das mulheres negras na sociedade brasileira e entendi que o conceito de saúde assume uma perspectiva ampla, que passa pelo diálogo com vários aspectos e dimensões da experiência da vida em sociedade em busca do bem-viver.

Analisar essa obra de forma minuciosa foi um grande aprendizado sobre o movimento de mulheres negras no Brasil, principalmente sobre a maneira como vem se organizando

politicamente, as resistências desenvolvidas, a forma como expressam suas ideias e concepções e como articulam toda a comunidade, visando o reconhecimento dos direitos da população negra. Posso dizer que cada mulher que escreveu um texto relatando sua trajetória fomentou, em mim, uma força grandiosa para lutar pelos meus ideais, sonhos e metas. Aprendi que, independentemente do lugar onde estamos, podemos expressar nosso pensamento e lutar por uma causa.

Compreendo essa obra como valorosa para a história das mulheres negras brasileiras, pois reúne vários aspectos da vida das mulheres negras em sociedade, discutindo sobre as questões que perpassam as trajetórias das mulheres negras como racismo, sexismo, enfim todas as questões que as discriminam. A obra analisa as mulheres negras que, dentro da experiência de cada uma, foram mudando sua realidade à medida que foram desenvolvendo enfrentamentos contra o racismo e sexismo. Entendo que esta obra está inserida na perspectiva do pensamento diaspórico, pois reflete sobre a mulher negra, desconstruindo os estereótipos e valorizando as suas trajetórias e lutas.

REFERÊNCIAS

- Rejane ALELUIA, Rejane. Minha história em saúde mental. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006. p. 167-175.
- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez - 1935/1994. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.
- BERNARDO, Teresinha. O candomblé e o poder feminino. REVER **Revista de Estudos da Religião**, PUCSP, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2013.
- CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos nas perspectivas de mulheres negras brasileiras**. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 382f.
- CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006. p. 22-41.

- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Uso & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.
- GONZALEZ, Lélia. Nanny. **Humanidades**, Brasília, v. 4, n. 17, p. 23-25, 1988c.
- HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ- PPCIS/UERJ, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem.1995. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-123904hooks.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2013.
- WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.